

J.M. COETZEE

# Foe

*Tradução*  
José Rubens Siqueira



Copyright © 1986 by J.M. Coetzee  
Todos os direitos mundiais reservados ao proprietário.  
Publicado mediante acordo com Peter Lampack Agency, Inc. 551 Fifth Avenue, Suite  
1613, New York, NY 10176-0187 USA, e Lennart Sane Agency AB.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Foe

*Capa*

Kiko Farkas e André Kavakama/ Máquina Estúdio

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Isabel Jorge Cury

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Coetzee, J. M.

Foe / J. M. Coetzee ; tradução José Rubens Siqueira. — 1<sup>a</sup>  
ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: Foe.

ISBN 978-85-359-2692-7

1. Romance inglês - Escritores sul-africanos 1. Título.

---

16-00491

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sul-africana em inglês 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompahia.com.br](http://www.blogdacompahia.com.br)

# 1.

“Por fim, não consegui mais remar. Minhas mãos tinham bolhas, minhas costas queimavam, meu corpo doía. Com um suspiro, mal fazendo ruído, deslizei para a água. Com lentas braçadas, meu cabelo comprido flutuando em volta de mim, como uma flor do mar, como uma anêmona, como uma água-viva daquelas que se veem nas águas do Brasil, nadei para a ilha estranha, por algum tempo nadando como havia remado, contra a corrente, depois de repente livre de sua força, levada pelas ondas para a baía e para a praia.

“Lá estava eu estendida na areia quente, a cabeça cheia do brilho alaranjado do sol, minha combinação (que era tudo com que eu havia escapado) secando no corpo, cansada, grata, como todos os que se salvam.

“Uma sombra escura me encobriu, não a sombra de uma nuvem, mas de um homem com um halo ofuscante em torno de si. ‘Náufraga’, eu disse com minha língua espessa e seca. ‘Sou uma náufraga. Estou sozinha.’ E estendi as mãos doloridas.

“O homem se agachou ao meu lado. Ele era negro: um

negro com uma cabeça de lã felpuda, vestido apenas com um calção rústico. Eu me levantei e estudei o rosto achatado, os olhos pequenos e sem brilho, o nariz largo, os lábios grossos, a pele não negra, mas de um cinza-escuro, seca como se coberta de poeira. ‘Água’, eu disse, experimentando o português, e fiz gesto de beber. Ele não respondeu, apenas me olhou como olharia uma foca ou um golfinho trazido pelas ondas, que logo iria expirar e poderia ser cortado para comer. A seu lado havia uma lança. Vim para a ilha errada, pensei, e deixei pender a cabeça: vim para uma ilha de canibais.

“Ele estendeu o braço e com o dorso da mão tocou meu braço. Está experimentando a minha carne, pensei. Mas aos poucos minha respiração ficou mais lenta e me acalmei. Ele tinha cheiro de peixe e de lã de carneiro num dia quente.

“Então, como não podíamos ficar assim para sempre, me sentei e comecei de novo a fazer gesto de beber. Tinha remado a manhã inteira, não bebia água desde a noite anterior, não me importava que ele me matasse depois, contanto que me desse água.

“O negro se levantou e me fez sinal para segui-lo. Ele me conduziu, meu corpo duro e dolorido, por dunas de areia e ao longo de um caminho que escalava em direção ao interior montanhoso da ilha. Mas mal havíamos começado a subir quando senti uma dor aguda e tentei tirar do calcaneo um longo espinho de ponta preta. Embora eu o tenha friccionado, o calcaneo logo inchou até eu não conseguir mais nem mancar de tanta dor. O negro me ofereceu suas costas, indicando que me carregaria. Hesitei em aceitar, porque ele era um sujeito frouxo, mais baixo que eu. Mas não havia o que fazer. Então, uma parte do caminho pulando numa perna só, outra parte montada em suas costas, com a combinação arregaçada e o queixo roçando seu cabelo crespo, subi a montanha, o meu medo dele desapa-

recendo nesse estranho abraço de costas. Ele não olhava onde punha os pés, notei, mas esmagava com as solas feixes inteiros dos espinhos que tinham perfurado minha pele.

“Para leitores versados em narrativas de viagens, as palavras *ilha deserta* podem invocar um lugar de areia macia e árvores frondosas onde correm regatos para saciar a sede do naufrago e onde frutas maduras caem das árvores em suas mãos e onde nada mais é exigido dele senão cochilar dias inteiros até surgir um navio que o leve para casa. Mas a ilha que alcancei depois do naufrágio era um lugar bem diferente: um grande morro rochoso com topo achatado, que subia íngreme do mar em todos os lados, menos um, pontilhado por arbustos pardos que nunca floriam e nunca perdiam as folhas. Fora da ilha cresciam leitos de algas marrons que, levadas à terra pelas ondas, exalavam um cheiro incômodo e alimentavam enxames de grandes pulgas páidas. Havia formigas fervilhando por toda parte, do mesmo tipo que tínhamos na Bahia, e uma outra praga também, morando nas dunas: um inseto minúsculo que se esconde entre os dedos dos pés e escava sua trilha para dentro do corpo. Nem mesmo a pele dura de Sexta-feira era à prova deles: havia fendas sanguinolentas em seus pés, embora ele não desse importância a elas. Não vi cobras, mas lagartos saíam no calor do dia para tomar sol, alguns pequenos e ágeis, outros grandes e desajeitados com babados azuis na papada, que desfraldariam quando alarmados, e sibilariam e ameaçariam. Prendi um deles num saco e tentei domá-lo, dando-lhe moscas para comer; mas não aceitava carne morta, então acabei libertando-o. Além disso, havia macacos (dos quais falarei mais adiante) e pássaros, pássaros por toda parte: não apenas bandos de pardais (ou assim eu os chamava) que adejavam o dia inteiro chilreando de arbusto em arbusto, mas, nos rochedos acima do mar, grandes tribos de gaivotas, gaivinas, alcatrazes e cormorões, de forma que as pedras ficavam bran-

cas com suas fezes. E no mar golfinhos, focas e peixes de todo tipo. Então, se a companhia de animais irracionais me bastasse, eu poderia ter vivido muito alegremente em minha ilha. Mas quem, acostumado à riqueza da fala humana, pode se contentar com grasnidos, chilreios e guinchos, com o latido das focas e o gemido do vento?

“Finalmente chegamos ao fim de nossa subida e meu carregador parou para tomar fôlego. Eu me vi num platô não longe de algum tipo de acampamento. De todos os lados, estendia-se o mar cintilante, enquanto no leste o navio que me trouxera se afastava a toda vela.

“Eu só pensava em água. Não importava o destino que me aguardava contanto que pudesse beber. Na entrada do acampamento havia um homem, de pele escura e barba cerrada. ‘Água’, eu disse, fazendo sinais. Ele gesticulou para o negro e vi que estava falando com um europeu. ‘Fala inglês?’, perguntei, como havia aprendido a dizer no Brasil. Ele fez que sim com a cabeça. O negro me trouxe uma tigela de água. Bebi e ele trouxe mais. Foi a melhor água que já bebi.

“Os olhos do estranho eram verdes, o cabelo queimado tinha adquirido uma cor de palha. Julguei que teria sessenta anos. Usava (permite que eu dê minha descrição completa dele) um colete, calção até abaixo dos joelhos, como se veem marinheiros usando no Tâmisa, e um boné alto que subia em cone, tudo feito de peles de animais trançadas, com os pelos do lado de fora, e um par de sandálias resistentes. No cinto, tinha um bastão curto e uma faca. Um amotinado, foi a primeira coisa que pensei: mais um amotinado, lançado à costa por um capitão misericordioso, com um dos negros da ilha, que ele transformou em criado. ‘Meu nome é Susan Barton’, eu disse. ‘Fui deixada à deriva pela tripulação daquele navio lá. Eles mataram o capitão e fizeram isso comigo.’ E de repente, embora eu tivesse permanecido de

olhos secos diante de todos os insultos que me fizeram a bordo do navio e durante as horas de desespero em que estive sozinha nas ondas com o capitão morto aos meus pés, uma estaca enfiada num olho, caí em prantos. Sentei na terra nua com o pé machucado entre as mãos, balançando para a frente e para trás, e chorei como uma criança, enquanto o estranho (que era, claro, o Cruso de que lhe falei) olhava para mim mais como se eu fosse um peixe atirado pelas ondas do que uma infeliz criatura humana.

“Contei como Cruso estava vestido; agora deixe que eu conte como era sua morada.

“No centro do topo plano, havia um amontoado de rochas da altura de uma casa. No ângulo entre duas dessas rochas, Cruso construiu para ele uma cabana de paus e juncos, os juncos habilmente trançados e entretorcidos por dentro e por fora dos paus com folhagens para formar o teto e as paredes. Uma cerca, com um portão que girava em dobradiças de couro, completava o acampamento em forma de triângulo que Cruso chamava de seu castelo. Do lado de dentro da cerca, protegido dos macacos, crescia um canteiro de alface amarga silvestre. Essa alface, com peixe e ovos de pássaros, constituía nossa única dieta na ilha, como o senhor vai ouvir.

“Na cabana Cruso tinha uma cama estreita, que era toda a sua mobília. A terra nua constituía o piso. Uma esteira sob o beiral fazia as vezes de cama para Sexta-feira.

“Enxugando as lágrimas, afinal, pedi a Cruso uma agulha ou algum instrumento semelhante para tirar o espinho do meu pé. Ele me trouxe uma agulha feita de espinha de peixe com um furo na ponta mais grossa, feito não sei com quê, e ficou olhando em silêncio enquanto eu tirava o espinho.

“‘Deixe eu contar minha história’, falei, ‘pois com certeza o senhor deve estar se perguntando quem sou eu e como vim parar aqui.

“Meu nome é Susan Barton e sou uma mulher sozinha. Meu pai era um francês que fugiu para a Inglaterra para escapar das perseguições em Flandres. O nome dele era de fato Berton, mas, como de costume, acabou se corrompendo na boca de estrangeiros. Minha mãe era inglesa.

“Dois anos atrás, minha única filha foi raptada e levada ao Novo Mundo por um inglês, feitor e agente do comércio de cargas. Fui atrás dela. Ao chegar à Bahia, me receberam com negativas e, quando persisti, com grosseria e ameaças. Os funcionários da Coroa não me ofereceram nenhuma ajuda, dizendo que era uma questão entre ingleses. Morei em pensões e passei a costurar, procurei e esperei, mas não encontrei nem traço de minha filha. Então, desesperada e com meus meios se esgotando, embarquei para Lisboa num navio comercial.

“A dez dias do porto, como se meus infortúnios não fossem suficientes, a tripulação se amotinou. Invadiram a cabine do capitão e o assassinaram impiedosamente, embora ele implorasse pela vida. Os companheiros que não estavam do lado deles foram presos a ferros. Me puseram num barco com o corpo do capitão a meu lado, e nos deixaram à deriva. Por que escolheram se livrar de mim eu não sei. Mas aqueles que maltratamos geralmente passamos a odiar e desejamos nunca mais ver pela frente. O coração do homem é uma floresta escura — esse é um dos ditados que circulam no Brasil.

“Quis o acaso — ou então o motim assim ordenou — que eu fosse lançada ao mar à vista desta ilha. ‘Remos!’, gritou o marinheiro do convés, querendo dizer que eu devia pegar os remos e remar. Mas eu estava tremendo de terror. Então, enquanto eles riam e caçoavam, flutuei para cá e para lá nas ondas, até vir o vento.

“Durante toda a manhã, enquanto o navio se afastava (acredito que os amotinados tinham em mente se tornar piratas na

costa de Hispaniola), remei com o capitão morto a meus pés. Minhas mãos logo ficaram cheias de bolhas — veja! —, mas eu não ousava descansar, temendo que a corrente pudesse me arrastar além da sua ilha. Muito pior que a dor de remar era a perspectiva de estar à deriva à noite na vastidão vazia do mar, quando, pelo que ouvi, os monstros do abismo sobem em busca de presas.

“Até que por fim não consegui mais remar. Minhas mãos estavam em carne viva, minhas costas queimavam, meu corpo doía. Com um suspiro, mal fazendo ruído, deslizei para a água e comecei a nadar para a sua ilha. As ondas me levaram e me atiraram na praia. O resto o senhor sabe.”

“Com essas palavras eu me apresentei a Robinson Cruso, na época em que ele ainda governava sua ilha, e me tornei seu segundo súdito, sendo o primeiro seu criado Sexta-feira.

“Eu contaria com prazer ao senhor a história desse singular Cruso, como a ouvi de seus próprios lábios. Mas as histórias que ele contava eram tão numerosas e tão difíceis de juntar uma com a outra que aos poucos fui levada a concluir que a idade e o isolamento haviam cobrado um preço a sua memória e que ele não sabia mais com certeza o que era verdade, o que era fantasia. Assim, um dia ele dizia que seu pai havia sido um rico comerciante cuja tesouraria ele abandonara em busca de aventura. Mas, no dia seguinte, me dizia que tinha sido um rapaz pobre sem família que embarcara como grumete e havia sido capturado por mouros (ele tinha uma cicatriz no braço que dizia ser marca do ferro em brasa), escapado e ido para o Novo Mundo. Às vezes, dizia que vivia naquela ilha fazia quinze anos, ele e Sexta-feira, ninguém além deles havia sido poupadão quando o navio afundou. ‘Sexta-feira ainda era criança quando o navio afundou?’, perguntei. ‘Era, uma criança, uma simples criança, um pequeno escravo’, Cruso replicou. Porém, outras vezes, por

exemplo quando estava tomado de febre (e não devemos acreditar que na febre, assim como na embriaguez, a verdade aflora por bem ou por mal?), ele contava histórias de canibais, e que Sexta-feira era um canibal que ele havia salvado de ser assado e devorado por seus companheiros canibais. ‘Os canibais não vão voltar para buscar Sexta-feira?’, eu perguntava, e ele assentia. ‘Por isso é que o senhor está sempre olhando o mar: para estar alerta quando voltarem os canibais?’, eu insistia; e ele assentia de novo. Então no fim eu não sabia o que era verdade, o que era mentira e o que era mera incoerência.

“Mas permita que eu volte ao meu relato.

“Cansada até os ossos, pedi para deitar e caí imediatamente em sono profundo. O sol estava se pondo quando acordei e Sexta-feira preparava nosso jantar. Embora não fosse mais que peixe assado sobre brasas e servido com alface, comi com muito gosto. Grata por ter a barriga cheia e meus pés em terra firme outra vez, expressei meu reconhecimento àquele singular salvador meu. Eu teria contado mais sobre mim mesma, sobre a busca por minha filha roubada, sobre o motim. Mas ele não perguntou nada, preferindo olhar o sol que se punha, balançando a cabeça para si mesmo como se uma voz falasse em particular dentro dele e ele a estivesse ouvindo.

“‘Posso perguntar, meu senhor’, eu disse depois de algum tempo: ‘Por que em todos esses anos o senhor não construiu um barco e escapou desta ilha?’.

“‘E para onde eu iria escapar?’, ele respondeu, sorrindo para si mesmo como se não houvesse resposta possível.

“‘Ora, podia navegar até a costa do Brasil, ou encontrar um navio e ser salvo.’

“‘O Brasil fica a centenas de quilômetros daqui e é cheio de canibais’, disse ele. ‘É quanto a navios, veremos navios tão bem e até melhor ficando em casa.’

“Perdoe se discordo”, eu disse. ‘Passei dois longos anos no Brasil e não encontrei nenhum canibal lá.’

“Você estava na Bahia”, ele disse. ‘A Bahia não passa de uma ilha na beira da floresta brasileira.’

“Então, logo percebi que seria gastar saliva à toa encorajar Cruso a se salvar. Envelhecer no reino de sua ilha, sem ninguém que lhe dissesse não, havia de tal maneira estreitado seu horizonte — quando o horizonte a toda a nossa volta era tão vasto e majestoso! — que ele acabara por se convencer de que sabia tudo o que havia para saber no mundo. Além disso, como descobri depois, o desejo de escapar havia minguado dentro dele. Seu coração estava determinado a permanecer até a morte do rei daquele minúsculo reino. Na verdade, não era medo de piratas nem de canibais o que o impedia de fazer fogueiras ou dançar no alto do morro acenando com o chapéu, mas a indiferença pela salvação, o hábito e a teimosia da velhice.

“Era hora de me recolher. Cruso me ofereceu sua cama, mas eu não podia aceitar e preferi que Sexta-feira preparasse para mim uma cama de palha no chão. Ali me deitei, à distância de um braço de Cruso (porque a cabana era pequena). Na noite anterior eu estava a caminho de casa; essa noite era uma naufraga. Longas horas passei acordada, sem poder acreditar na mudança de meu destino, perturbada também pela dor em minhas mãos machucadas. Então adormeci. Acordei uma vez durante a noite. O vento havia abrandado; dava para ouvir o canto dos grilos e, ao longe, o rugir das ondas. ‘Estou segura, estou numa ilha, tudo sairá bem’, sussurrei para mim mesma, me abracei com força e adormeci de novo.

“Despertei com a chuva martelando no telhado. Era de manhã; Sexta-feira estava acocorado diante do fogão (não contei ainda do fogão de Cruso, que era muito bem construído com pedras), alimentando o fogo, soprando para avivá-lo. De início,

fiquei envergonhada que me visse deitada, mas então me lembrei de como as damas na Bahia ficavam à vontade diante dos criados e me senti melhor. Cruso entrou e tomamos um bom café da manhã com ovos de pássaros enquanto a chuva pingava aqui e ali através do forro e chiava nas pedras quentes. A chuva acabou passando e o sol saiu, puxando meadas de vapor da terra, o vento voltou e soprou sem parar até a próxima calmaria e a próxima chuva. Vento, chuva, vento, chuva: era esse o padrão dos dias naquele lugar e assim tinha sido, pelo que se sabia, desde o princípio dos tempos. Se uma circunstância acima de todas me impelia a escapar, a qualquer custo, não era a solidão, nem a rusticidade da vida, nem a monotonia da dieta, mas o vento que dia após dia zunia em meus ouvidos, puxava meu cabelo e soprava areia em meus olhos, a ponto de eu às vezes me ajoelhar num canto da cabana com a cabeça entre os braços e gemer para mim mesma, sem parar, para ouvir outro som que não o bater do vento; ou mais tarde, quando passei a tomar banhos de mar, eu prendia a respiração e enfiava a cabeça embaixo da água apenas para saber como era ficar em silêncio. Muito provavelmente o senhor dirá a si mesmo: na Patagônia o vento sopra o ano inteiro sem cessar e os patagões não escondem a cabeça; por que ela esconde? Mas os patagões, não conhecendo outro lar que não a Patagônia, não têm razão para duvidar que o vento sopre em todas as estações sem parar em todos os cantos do globo; quanto a mim, eu sei que não é assim.

“Antes de sair para cuidar de seus deveres na ilha, Cruso me deu sua faca e me alertou para não me aventurar fora de seu castelo; porque os macacos, disse ele, não temeriam uma mulher como temiam a ele e a Sexta-feira. Fiquei intrigada: será que uma mulher seria, para um macaco, uma espécie diferente de um homem? Mesmo assim, prudentemente obedeci, fiquei em casa e descansei.

“A não ser pela faca, todas as ferramentas da ilha eram de madeira ou de pedra. A pá com que Cruso nivelava seus terraços (terei mais a dizer sobre os terraços mais adiante) era uma coisa estreita de madeira com o cabo torto, esculpida toda numa só peça e endurecida no fogo. A picareta era uma pedra afiada, lascada em ponta. As tigelas em que comíamos e bebíamos eram blocos de madeira crua entalhados por raspagem e fogo. Porque não havia barro na ilha com o qual moldar e cozer, e as árvores que havia eram fracas, atrofiadas pelo vento, os galhos retorcidos raramente mais grossos que minha mão. Era mesmo de lamentar que do naufrágio Cruso não houvesse trazido mais que uma faca. Pois se tivesse salvado mesmo a mais simples das ferramentas de carpinteiro, e alguns espertos, barras, coisas assim, poderia ter confeccionado ferramentas melhores, e com melhores ferramentas construído uma vida menos laboriosa, ou mesmo construído um barco e escapado para a civilização.

“Na cabana não havia nada além da cama, que ele fez com troncos amarrados com tiras de couro, rústica como fabrico, mas sólida, e num canto uma pilha de peles de macaco curtidas, que fazia a cabana cheirar igual ao depósito de um curtume (com o tempo me acostumei ao cheiro e senti falta dele quando deixei a ilha para trás; mesmo hoje, quando sinto o cheiro de couro novo, fico sonolenta), e o fogão, no qual as brasas do último fogo eram sempre conservadas, porque fazer novo fogo era trabalho tedioso.

“O que eu mais esperava encontrar não estava lá. Cruso não mantinha um diário, talvez porque não tivesse papel e tinta, porém mais provavelmente, acredito agora, porque não tinha o pendor de mantê-lo, ou, se algum dia teve esse pendor, o perdesse. Vasculhei os troncos que sustentavam o teto, as pernas da cama, mas não encontrei marcas, nem mesmo cortes que indicassem que ele contava os anos de seu banimento ou as fases da lua.